

**A economia solidária na estratégia do desenvolvimento sustentável: Um estudo na 18<sup>o</sup> FEICOOP e 7<sup>a</sup> Feira do Mercosul de Santa Maria – RS**

*The Solidarity Economy in Strategy for Sustainable Development: a Study in the 18<sup>th</sup> FEICOOP and 7<sup>th</sup> Fair Mercosur Santa Maria - RS*

Flaviani Souto Bolzan Medeiros <sup>1</sup>  
Élio Sérgio Denardin <sup>2</sup>  
Lisandra Taschetto Murini <sup>3</sup>  
Lourdes Maria Staudt Dill <sup>4</sup>

**Resumo**

Diante das mudanças econômicas e sociais ocorridas em todo o mundo nas últimas décadas, uma grande massa de desempregados foi obrigada a optar pelo trabalho informal e com o propósito de transformar essa realidade, criando uma nova lógica preocupada com o ser humano, com a preservação do meio ambiente e com a sustentabilidade, surge a Economia Solidária. Nesse sentido, o estudo tem por objetivo compartilhar os resultados da 18<sup>o</sup> FEICOOP e 7<sup>a</sup> Feira do Mercosul realizada na cidade de Santa Maria – RS na perspectiva dos expositores. A metodologia adotada foi uma pesquisa de campo, de caráter quantitativo, do tipo descritivo, sendo aplicada através de uma entrevista estruturada em uma amostra composta por 575 empreendedores presentes na referida Feira. Entre os resultados, foi possível constatar que os expositores estão satisfeitos com a infraestrutura do local, com a comunicação entre os organizadores e empreendimentos, bem como a afluência entre empreendimentos e público presente no evento. De modo geral, verificou-se que os empreendedores avaliam a Feira como um evento positivo no que se propõe, servindo de um meio eficaz de visualizar esse novo tipo de economia.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Sustentável, Economia Solidaria, Inclusão Social.

**Abstract**

Given the economic and social changes that have occurred around the world in recent decades, a large body of unemployed was forced to opt for informal work and with the

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Mestranda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Brasil. Bolsista CNPq/UFSM. Contato: [flaviani.13@gmail.com](mailto:flaviani.13@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Professor Assistente e Coordenador de Pesquisa do Curso de Administração do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Brasil. Contato: [eliodenardin@hotmail.com](mailto:eliodenardin@hotmail.com)

<sup>3</sup> Possui Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Professora Assistente do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. Brasil. Contato: [lisandra@unifra.br](mailto:lisandra@unifra.br)

<sup>4</sup> Coordenadora do Projeto Esperança/Cooesperança de Santa Maria – Rio Grande do Sul – RS, Brasil. Contato: [projeto@esperancacooesperanca.org.br](mailto:projeto@esperancacooesperanca.org.br)

purpose of transforming this reality by creating a new logic concerned with the human being, with the preservation of environment and sustainability, there is the Solidarity Economy. In this sense, the study aims to share the results of FEICOOP 18<sup>th</sup> and 7<sup>th</sup> Mercosul Fair held in the city of Santa Maria - RS from the perspective of the exhibitors. The methodology adopted was a field study of a quantitative and descriptive type, and applied through a structured interview in a sample of 575 entrepreneurs present in mentioned Fair. Among the results, it was found that the exhibitors are satisfied with the infrastructure of the place, with communication between the organizers and ventures, as well as between enterprises and the present public. In general, it was found that entrepreneurs evaluate the Fair as a positive event in which it is intended to be, serving as an effective mean of visualizing this new type of economy.

**Key words:** Sustainable Development, Solidarity Economy, Social Inclusion.

## 1 Introdução

Por um lado, as preocupações com o meio ambiente assumem proporções cada vez maiores, em virtude dos efeitos visíveis de desequilíbrios provocados pelo homem na natureza. E assim, a ideia de um mundo melhor para todas as gerações sem prejudicar o meio ambiente é um objetivo social desejado, o que por sua vez tornou-se popular em todo o mundo.

E por outro, a atual crise do trabalho assalariado, diante das mudanças econômicas e sociais ocorridas em todo o mundo nas últimas décadas, enfraqueceu o sistema capitalista, e uma grande massa de desempregados foi obrigada a optar pela informalidade e a se submeter a formas indignas de trabalho. Com o propósito de buscar transformar essa realidade e criar uma nova lógica mais preocupada com o ser humano, com a preservação do meio ambiente e com a sustentabilidade surgiu a Economia Solidária.

Conforme Allegri e Rosa (2010), nos últimos anos tem se vivenciado no Brasil uma proliferação de processos e experiências de Economia Solidária, onde empreendimentos solidários florescem a cada dia, sem que se tenha ainda uma real dimensão dos seus impactos e das relações econômicas que eles promovem. Assiste-se a ampliação de uma intensa rede que conecta empreendedores, gestores, público e consumidores através de feiras, oficinas, redes, fóruns, programas e projetos que ocorrem em todo o país de maneira dinâmica e envolvendo uma pluralidade de grupos sociais.

As formas alternativas de geração de trabalho e renda são uma tendência na atualidade e nesse propósito a Economia Solidária passa no momento por um processo de conscientização das pessoas, isso porque ela tem seus princípios baseados na valorização do meio ambiente, na cooperação e na socialização do trabalho.

Sob essa perspectiva, Borba et al. (2010) complementam que é notória a crise histórica enfrentada no país com relação à escassez do trabalho formal e pelo grande contingente de pessoas envolvidas com o trabalho informal. Mas nos últimos anos, o Estado vem estimulando, por meio de políticas públicas de inclusão social, a transformação do trabalho informal em postos de trabalho formal. E nessa busca, a Economia Solidária está inserida como uma forma de economia plural que inclui e formaliza a economia informal, monetária e não monetária.

Este artigo tem como objetivo objetivo compartilhar os resultados da 18<sup>o</sup> FEICOOP e 7<sup>a</sup> Feira do Mercosul realizada na cidade de Santa Maria – RS na perspectiva dos expositores presentes no evento. Esse estudo pretende contribuir, através da divulgação dos resultados obtidos, para o fornecimento de informações referentes à Feira, bem como no

desenvolvimento e aperfeiçoamento desta que tem como propósito gerar uma alternativa de trabalho e renda por meio de um comércio justo e solidário e a construção de uma sociedade sustentável. Além de fornecer informações sobre Economia Solidária como fonte de reflexão para aqueles interessados no tema.

O presente artigo aborda, logo após a introdução, tópicos de revisão bibliográfica com discussões envolvendo o desenvolvimento sustentável, trazendo um pouco do histórico da Feira de Economia Solidária, evento que acontece anualmente na cidade de Santa Maria – RS, e ainda a questão da economia solidária rumo ao desenvolvimento sustentável. Na sequência, apresenta-se a metodologia utilizada para a realização pesquisa. Em seguida, a análise e discussão dos resultados obtidos. Por fim, encontram-se as considerações finais, acompanhadas de proposições para pesquisas futuras.

## 1 Revisão Bibliográfica

Na visão de Schmitt e Neto (2011), o comércio é o eixo central da economia. Todavia, ele carece de mudanças em sua concepção, estruturação e operação, bem como nos estilos de vida. Por isso, como alternativas, surgem o associativismo e o comércio justo.

O associativismo resulta do esforço coletivo de agentes produtivos em busca de melhores resultados para suas atividades. A formação de associações tem como característica central o deslocamento do princípio de competitividade, predominante nos ambientes de produção, para a cooperação e a conjunção de interesses [...]. O Comércio Justo, ou *Fair Trade*, surgiu nos anos 50 decorrente da realização de parcerias entre importadores sem fins lucrativos do setor alimentício, situados em países do Hemisfério Norte, como a Holanda. Seu objetivo central é a materialização do senso de justiça nas relações de trocas comerciais no mercado internacional, como objeto central do desenvolvimento e como meio para a redução de assimetrias entre as nações (SCHMITT; NETO, 2011, p. 325).

E o ato do consumo, por sua vez, é pertencente à vida humana contemporânea, pois baliza as relações sociais e faz parte da dinâmica da economia. No entanto, para muitos, o padrão consumista dessa sociedade estaria conduzido a um consumo desnecessário, ostentatório, excessivo e perdulário, com decisivos impactos sobre a sustentabilidade ambiental. O consumo sustentável se configuraria como uma das possibilidades de tratamento dos impactos do consumismo, pois envolve mudanças de atitude aliadas à necessidade de transformação do sistema das atitudes e dos valores dos cidadãos (COSTA; TEODÓSIO, 2011).

Nesse sentido, Kraemer (2004) ressalta que esse modelo de crescimento econômico gerou enormes desequilíbrios. Se, por um lado, nunca houve tanta riqueza e fartura no mundo, por outro lado, a miséria, a degradação ambiental e a poluição aumentam dia a dia. Diante dessa constatação, surge a ideia do desenvolvimento sustentável, buscando conciliar o desenvolvimento econômico à preservação ambiental e, ainda, ao fim da pobreza no mundo.

De acordo com Dias (2006), com o objetivo de procurar resolver todos os problemas ambientais, e também garantir que o desenvolvimento econômico e tecnológico possa continuar, embora que de outra maneira, na segunda metade do século XX, começou-se a delinear o conceito de desenvolvimento sustentável. Essa nova visão de desenvolvimento envolve não apenas o meio ambiente natural, mas também abrange os aspectos socioculturais colocando-os em evidência, revelando ainda que a qualidade de vida dos seres humanos passa a ser a condição para o progresso.

### 1.1 Desenvolvimento Sustentável

A partir da publicação do relatório “Nosso Futuro Comum”, produzido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), a expressão desenvolvimento sustentável passou a ser difundida e tornou-se popular, com a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Meio Ambiente (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro, em 1992 (BARBIERI; SILVA, 2011).

Brundtland (1987) define o desenvolvimento sustentável como aquele que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades.

Dias (2006) complementa que o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas.

Byrch et al. (2007, p. 28) alerta que “os recursos naturais da Terra são finitos”. Sob essa perspectiva, Barbieri e Cajazeira (2010) acrescentam que o movimento do desenvolvimento sustentável baseia-se na percepção de que a capacidade de carga da Terra não poderá ser ultrapassada sem que ocorram grandes catástrofes sociais e ambientais. Portanto, a proposta dessa nova visão é de que cada constituinte da sociedade adote práticas que contribuam para tornar efetivas as propostas desse movimento, onde cada um seja atuante nas suas respectivas áreas de abrangência.

No entanto, o desenvolvimento sustentável só é possível quando são observadas as interações entre dinâmicas inerentes às esferas econômica, social e ambiental. Assim, há a necessidade de criação, disseminação e fortalecimento de organizações que compreendam e valorizem tal perspectiva (ELKINGTON, 1997; STEAD; STEAD; STARIK, 2004; KEYSER, 2009; SCHMITT; NETO, 2011).

Goldstein (2007) cita como foco social contido nessa perspectiva do desenvolvimento sustentável, o movimento do comércio solidário também chamado de comércio justo, que tem como propósito principal oferecer oportunidades de desenvolvimento a pequenos produtores de regiões isoladas ou vulneráveis. Para o autor, na cadeia produtiva justa ou solidária tanto produtores, comerciantes e consumidores assumem alguns compromissos entre eles: que o trabalho deve ser realizado em condições seguras e dignas, que o meio ambiente seja respeitado e de que a qualidade do produto final deve ser boa.

Portanto, pode considerar que a consolidação do desenvolvimento social sustentável é um processo que se viabiliza a partir dos princípios da economia solidária, ou seja, através da cooperação e da solidariedade.

## 1.2 Histórico da feira de economia solidária de Santa Saria - RS

As Feiras de Economia Solidária de Santa Maria – RS tiveram origem na década de 1970, com Dom Ivo Lorscheiter, bispo da região na época, tendo como base o “Banco da Providência” de cunho sócio-pastoral, criado por Dom Helder Câmara, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, e também inspirado no livro “*A pobreza, riqueza dos povos: a transformação pela solidariedade*” de Albert Tévoédjrè, visando contribuir no enfrentamento da pobreza do povo. A primeira iniciativa nesse sentido foi em 1975 com a Feira da Primavera, realizada uma vez por ano, com a participação de todas as prefeituras dos municípios da Diocese de Santa Maria com o propósito de arrecadar recursos para os projetos sociais (CÁRITAS BRASILEIRA, 2009).

Balbinot (2012) esclarece que esses recursos oriundos das três primeiras edições dessas Feiras formaram o Banco da Esperança, em 1977, sendo essa uma instituição filantrópica de assistência social e sem fins lucrativos, vinculado à Mitra Diocesana de Santa

Maria com a finalidade de realizar atividades sociais, educacionais, culturais e assistenciais da Diocese, visando uma sociedade mais justa e solidária.

Segundo Sarria Icaza e Freitas (2006), no início da década de 80, a Cáritas do Rio Grande do Sul, desafiada por Dom Ivo Lorscheiter, começou a desenvolver os Projetos Alternativos Comunitários (PACs) promovendo mudanças na vida das pessoas através da solidariedade. Em 15 de agosto de 1987 surgiu o Projeto Esperança como uma das linhas de ação do Banco da Esperança e da Cáritas Diocesana de Santa Maria com a função de congregar os pequenos projetos econômicos e comunitários de agricultores e trabalhadores urbanos em um grande projeto assumindo o processo de fomento e assessoria, bem como o desenvolvimento desses grupos.

O Projeto Esperança procurou desenvolver um novo modelo de cooperativismo, a economia popular solidária tratando da inclusão social por meio de alternativas concretas de desenvolvimento urbano, solidário e sustentável e a “reinvenção da economia” colocando o trabalho acima do capital (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006).

No ano de 1989, deu-se início a Comercialização Direta, no “Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter”, inaugurando o prédio 1, onde os produtos dos associados eram vendidos diretamente ao público em geral através de feiras semanais. Nesse mesmo ano, houve a criação da Cooesperança (Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança), a qual se baseou na mesma fonte do Projeto Esperança utilizando experiências do cooperativismo.

Diante disso, surge um grande desafio, ou seja, gerar e autogerir um empreendimento econômico solidário autêntico, combinado valores e práticas de solidariedade e autogestão, possibilitando respostas concretas às pessoas e os grupos que acreditam nas suas potencialidades. Assim, nasce o Projeto Esperança/Cooesperança que juntos fortalecem com todos os grupos um novo modelo de Cooperativismo, na proposta alternativa, solidária, transformadora e autogestionária.

Das experiências desse Projeto foi gerada a semente da Feira do Cooperativismo (FEICOOP), realizada anualmente a partir do ano de 1994, no âmbito estadual. Na sua 12ª edição, no ano de 2005, integrou-se a ela a 1ª Feira de Economia Solidária do Mercosul, passando assim, a ser de abrangência internacional, vindo a tornar-se o evento de sua maior expressão. Zanatta (2012) comenta que o Projeto Esperança/Cooesperança, desde a sua criação até os dias de hoje, é marcado pela presença de inúmeras pessoas que se engajaram, de forma corajosa e destemida, na concretização de que um outro mundo é possível.

Nesse sentido, a Arquidiocese de Santa Maria (2012) complementa que, atualmente, o Projeto Esperança/Cooesperança participa dos Conselhos Municipal, Estadual e Federal de Economia Solidária e de vários outros vinculados ao tema.

### **1.3 A economia solidária rumo ao desenvolvimento sustentável**

Veronese e Guareschi (2005) comentam que em um ritmo de enfrentamento para a questão da exclusão social e em nível de políticas públicas, nos últimos anos, surgem novas formas alternativas para a organização do trabalho, formas essas mais solidárias para produzir e distribuir bens e serviços sejam eles materiais e/ou imateriais. Tais iniciativas têm sido denominadas de Economia Solidária.

A partir da década de 1970, a crise do modelo fordista-taylorista de produção e o desmanche dos mecanismos de proteção social (Previdência e serviços públicos) promovido pelo avanço das políticas neoliberais, produziram prejuízos às condições de vida dos trabalhadores e de setores mais pobres da população. Tais prejuízos fizeram com que estes últimos organizassem uma série de iniciativas econômicas para geração alternativa de trabalho e renda [...]. Neste contexto, teóricos e



militantes políticos vislumbraram nestas iniciativas econômicas a possibilidade da construção de alternativas aos novos desafios do mundo do trabalho e até mesmo à organização social capitalista. É neste processo que, então, é formulada a noção de Economia Solidária (AZAMBUJA, 2009, p. 286).

Singer (2008, p. 289) define a Economia Solidária “como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central”.

Na concepção de Maboni (2008), a Economia Solidária é uma forma alternativa e diferenciada de produção e consumo justo de bens e serviços, tendo como base a valorização do trabalho humano, na perspectiva de emancipação e rompimento das relações econômicas e sociais estabelecidas. Dessa forma ela torna-se uma poderosa ferramenta de inclusão social.

Mendiguren, Etxarri e Aldanondo (2008) reforçam que a Economia Solidária busca construir relações de produção, distribuição e consumo baseado na justiça, cooperação, reciprocidade e ajuda mútua. Contra o capital e sua acumulação, a Economia Solidária coloca as pessoas e o seu trabalho no centro do sistema econômico, oferecendo ao mercado um instrumento a serviço do bem-estar de todas as pessoas e preocupado com a continuidade da vida no planeta.

“Enquanto noção ou conceito, o termo Economia Solidária identifica uma série de experiências organizacionais inscritas numa dinâmica atual em torno das chamadas novas formas de solidariedade” (FRANÇA FILHO, 2001, p. 247).

De acordo com o Projeto Esperança/Cooperança (2010), a Economia Solidária constitui-se no fundamento de uma globalização humanizadora, através de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo, representando práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, isso porque o valor central da Economia Solidária é o trabalho.

Amorim e Silva (2009) comentam que no final dos anos 90 aprofundaram-se as reflexões sobre o desenvolvimento sustentável e os desafios da expansão do comércio justo. Tais discussões resultaram na compreensão de que para existir de fato um desenvolvimento econômico sustentável dos países se requer a transformação das relações sociais injustas e ecologicamente danosas neles existentes, bem como na percepção de que isso deve fazer parte de um movimento social mais amplo voltado para promover esse desenvolvimento sustentável em todos os países.

Para Mance (2010a), o desenvolvimento sustentável, que considera todas as dimensões do desenvolvimento para que ele seja justo, equilibrado e duradouro enfatiza que o sujeito do desenvolvimento são as coletividades humanas, operando sob autogestão e atuando em redes sociais e econômicas solidárias, e a base desse desenvolvimento é a Economia Solidária. Essa concepção se dá através da propagação pelo trabalho emancipado, autogerido na produção de bens e serviços que atendam as necessidades da população, das comunidades humanas em seus territórios, bem como mediante o consumo responsável e solidário e por meio do desenvolvimento de tecnologias sustentáveis adequadas à proteção do equilíbrio dos ecossistemas.

França Filho e Laville (2004) mencionam que as formas assumidas por esta economia variam de acordo com as diferentes regiões e países. Mas incluem desde cooperativas de produção e prestação de serviços, passando por bancos comunitários, clubes de troca e associações de serviços em países latino-americanos, até as cooperativas sociais, as sociedades cooperativas de interesse público, as empresas sociais ou os sistemas de trocas locais.

Sob essa perspectiva, a Economia Solidária pode ser considerada um poderoso instrumento de inclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades e difundir os valores da solidariedade humana.

## 2 Metodologia

Este item descreve a metodologia de pesquisa utilizada para a realização do presente trabalho. Nesse sentido, a pesquisa classifica-se como quantitativa quanto à natureza. Esse tipo de pesquisa busca evidenciar a mensuração tal qual dos fatos analisados em relação à frequência com que os mesmos ocorrem (GIL, 2009).

Quanto aos objetivos, o estudo caracteriza-se como descritivo. A pesquisa descritiva, de acordo com Collis e Hussey (2005) é o objeto necessário para o delineamento de características de determinados nichos de população, fenômenos ou a inclusão de relações entre variáveis. Portanto, trata-se de um levantamento das características sobre o fato, fenômeno ou processo escolhido para estudo e análise.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a presente pesquisa classifica-se como um estudo de campo. Segundo Andrade (2009) é assim denominada porque a coleta dos dados é realizada em campo, ou seja, o objeto é abordado em seu ambiente próprio e a coleta dos dados é realizada nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sem nenhuma interferência e manuseio do pesquisador sobre eles.

Para a coleta dos dados, primeiramente, buscou-se uma fundamentação teórica através de uma pesquisa bibliográfica. Martins (2010) descreve esta como o ponto de partida de toda a pesquisa, pois consiste no levantamento de informações a partir de referências publicadas em livros, revistas, artigos, *sites* da internet etc. O autor complementa que a pesquisa bibliográfica busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema.

Posteriormente, na fase descritiva, foi realizada uma entrevista padronizada, segundo o formulário do Programa de Avaliação das Feiras de Economia Solidária (PAFES) e aplicado nos expositores presentes na 18ª FEICOOP e 7ª Feira do Mercosul, que ocorreu nos dias 08 a 10 de julho de 2011. A população foi estimada em 800 empreendedores, da qual foi extraída uma amostra de 575, representando aproximadamente 72% dos presentes na Feira.

Destaca-se que os empreendedores foram entrevistados nos próprios estandes seguindo uma sequência ordenada. Após, os dados obtidos foram tabulados quantitativamente com o auxílio do programa *Sphinx Léxica – V5* e analisados por meio de frequências e percentuais sob a ótica qualitativa.

## 3 Resultados e Discussões

Partindo do objetivo de compartilhar os resultados da 18ª Feira Internacional de Economia Solidária de Santa Maria, na perspectiva dos seus expositores, apresenta-se a análise dos resultados por meio das tabelas.

**Tabela 1:** Dados gerais da pesquisa com os empreendedores

Variáveis	Alternativas	Frequência	Percentual
Área de atuação do empreendimento	Quilombolas	21	3,7%
	Indígenas	18	3,1%
	Agricultura Familiar	128	22,3%
	Urbana	408	71,0%
<b>Total</b>		<b>575</b>	<b>100%</b>

**A economia solidária na estratégia do desenvolvimento sustentável: Um estudo na 18ª FEICOOP e 7ª Feira do Mercosul de Santa Maria – RS**

Forma de Organização	Grupo informal	239	41,6%
	Associação	162	28,2%
	Cooperativa	75	13,0%
	Micro ou pequena empresa	48	8,4%
	Outros	51	8,9%
	<b>Total</b>	<b>575</b>	<b>100%</b>
Comercialização dos produtos ou serviços	Feiras	562	97,7%
	Fornecimento para intermediários ou atravessadores	34	5,9%
	Fornecimento para lojas de varejo em geral	110	19,1%
	Em estabelecimento comercial mantido pelo grupo	113	19,7%
	Através de visitas domiciliares	86	15,0%
	Fornecimento para órgãos públicos	29	5,0%
	Grupos de consumidores solidários	71	12,4%
	Fornecimento para setor industrial	13	2,3%
	Em casa	219	38,1%
	Outro	60	10,4%
<b>*Total</b>	<b>575</b>		
Valor do faturamento total	Menos de R\$ 100	114	19,8%
	De R\$ 101 a R\$ 300	117	20,4%
	De R\$ 301 a R\$ 500	176	30,6%
	De R\$ 501 a R\$ 1000	71	12,4%
	De R\$ 1001 a R\$ 2000	57	9,9%
	De R\$ 2001 a R\$ 5000	33	5,7%
	Mais de R\$ 5000	7	1,2%
<b>Total</b>	<b>575</b>	<b>100%</b>	
Como ficou sabendo da Feira	Rádio	13	2,3%
	Entidade de apoio	109	19,0%
	Folder, faixa, cartaz, <i>banner</i> , <i>outdoor</i>	17	3,0%
	TV	34	5,9%
	Fórum de Economia Solidária	193	33,6%
	Internet	43	14,3%
	Amigos	40	21,9%
<b>Total</b>	<b>575</b>	<b>100%</b>	
Participou de outras edições	Sim	409	71,1%
	Não	166	28,9%
	<b>Total</b>	<b>575</b>	<b>100%</b>
Participou de oficinas, palestras	Sim	334	58,1%
	Não	241	41,9%
	<b>Total</b>	<b>575</b>	<b>100%</b>
Apresentou diferença significativa	Sim	381	66,3%
	Não	194	33,7%
	<b>Total</b>	<b>575</b>	<b>100%</b>

\*Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido às respostas múltiplas

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Na análise dos dados, constata-se que 71% dos empreendimentos exercem suas atividades na área urbana, 22,3% executam seus trabalhos na agricultura familiar, 3,7% caracterizam-se como quilombolas e 3,1% como indígenas.

Quanto à forma de organização dos empreendimentos, observa-se que grande parte caracteriza-se como grupo informal (41,6%), seguido de 28,2% como associação, 13% na forma de cooperativa, 8,4% denominam-se micro ou pequena empresa e ainda 8,9% disseram outra forma de organização, mas não especificaram. Incluindo-se entre as formas mencionadas por França Filho e Laville (2004).

Para a comercialização dos produtos pelos grupos de economia solidária, verificou-se que são utilizadas diversas formas, sendo que a maioria (97,7%) aproveitam a oportunidade



das feiras. Outro meio para negociar seus produtos e serviços é na própria casa, sendo que as duas formas mencionadas demonstram características de uma economia informal. Entre outros meios citados, destacam-se ainda a venda em estabelecimento comercial mantido pelo grupo (19,7%), o fornecimento para lojas de varejo em geral (19,1%), através de visitas domiciliares (15%) e grupos de consumidores solidários (12,4%). Destaca-se que os meios utilizados para a comercialização se caracterizam, de modo geral, como uma forma direta de troca entre os produtores com os clientes organizacionais e o público em geral.

Já no que tange ao valor do faturamento, destaca-se que o valor apontado é mais uma estimativa do que um resultado real, pois a Feira ainda estava em andamento quando foi realizada a entrevista. Os valores do faturamento para 30,6% encontram na faixa de R\$ 301 a R\$ 500, e já para 20,4% de R\$ 101 a R\$ 300 e para 19,8% demonstraram a expectativa de faturar menos de R\$ 100. Os do faturamento refletem a realidade de uma Feira de Economia Solidária em que os produtos predominantes se caracterizam basicamente como artesanais confeccionados por grupos que buscam meios alternativos de renda.

Entre as formas que os empreendimentos ficaram sabendo da Feira, identificou-se com 33,6% o Fórum de Economia Solidária, seguido de “Amigos” com 21,9% e ainda 19% pela Entidade de Apoio. Esses dados mostram uma grande participação dos empreendedores nos eventos de estudos e formação e também a integração dos mesmos com as entidades de apoio aos empreendimentos.

Dentre os empreendedores pesquisados, 71,1% deles revelam que já participaram de outras edições da Feira de Economia Solidária enquanto que 28,9% afirmam que estão participando pela primeira vez. Percebe-se que os expositores já possuem um bom envolvimento com esse tipo de Feira, principalmente pela troca de experiências com as quais aprendem coisas novas, sobretudo através das atividades artesanais.

A pesquisa revela também que 58,1% dos expositores participaram, se envolveram com as oficinas, palestras e/ou minicursos realizadas durante a Feira. Em contrapartida, 41,9% admitiram não ter participado de tais atividades oferecidas durante o evento. Com esses dados, percebe-se que a maioria dos pesquisados não vem apenas para a comercialização de seus produtos, mas é significativa a presença deles nesses encontros. Por outro lado, em contato com muitas pessoas procedentes de outras localidades, ressalta-se que vêm para o evento com o propósito exclusivo de participar dessas atividades formativas.

Constata-se ainda, com um percentual de 66,3%, que a Feira apresenta diferença significativa em relação a outros tipos de feiras. No entanto, 33,7% consideram que não existe diferença. Entre os fatores mencionados como diferentes, destacaram a diversidade dos produtos, o espírito de solidariedade, a troca de experiências com expositores de vários países, bem como um maior envolvimento do público com a Feira.

Na análise comparativa quanto à organização dos grupos, verifica-se na Tabela 2 que predomina a forma coletiva tanto para produzir quanto para comercializar, sendo grande parte (46,1%) para produzir e a maioria (64,4%) para comercializar.

**Tabela 2:** Forma de organização para produzir e comercializar

Como se organiza...	para produzir		para comercializar	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Coletivamente	265	46,1%	370	64,4%
Individualmente	227	39,5%	132	23,0%
Misto	65	11,3%	59	10,3%
Não responderam	18	3,1%	14	2,4%
Total	575	100%	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Por outro lado, constata-se uma situação inversa na organização individual onde 39,5% para produzir e 23% para comercializar. Percebe-se também que 11,3% adotam a forma mista para a produção e 10,3% para a comercialização. A maneira de se organizar (coletiva, individual ou mista) são variações adotadas dentre as mencionadas na forma de organização dos empreendimentos. Balbinot (2012) salienta que a formação desses grupos segue um caminho semelhante, onde consiste, basicamente, de pessoas que se reúnem para formar um grupo para produzir e comercializar, na maioria das vezes, através de alguém conhecido que informava que poderiam obter ajuda no Projeto Esperança/Cooesperança.

No que tange ao faturamento do empreendimento na Feira, na Tabela 3, percebe-se que, de modo geral, a resposta foi positiva, pois 45,9% consideram bom e 11,1% ótimo, totalizando 57%, enquanto que 29,9% avalia como razoável e 5,2% ruim.

**Tabela 3:** Como o grupo avalia o faturamento

Faturamento	Frequência	Percentual
Ruim	30	5,2%
Razoável	172	29,9%
Bom	264	45,9%
Ótimo	64	11,1%
Não sei avaliar	45	7,9%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Cabe destacar que as respostas obtidas refletem mais a expectativa de faturamento do que dados reais pelo fato das entrevistas terem sido realizadas antes de conhecerem o resultado final, tendo sido antecipadas visando pesquisar um número maior de empreendimentos presentes na Feira.

A pesquisa revela, segundo dados da Tabela 4, uma abertura para novos membros empreendedores ingressarem no grupo, uma vez que 52,7% consideram boas as possibilidades criadas para negócios e parcerias futuras e 27,3% avaliaram como ótimo formar futuras parcerias, totalizando um percentual significativo de 80%. Nota-se que apenas 10,3% consideraram razoável.

**Tabela 4:** Avaliação das possibilidades criadas na Feira

Negócios e parcerias futuras	Frequência	Percentual
Ruim	14	2,4%
Razoável	59	10,3%
Bom	303	52,7%
Ótimo	157	27,3%
Não sei avaliar	42	7,3%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Esses dados mostram a existência de uma nova visão voltada para o espírito solidário e cooperativo, no âmbito do trabalho e da economia o que é um diferencial no mundo capitalista reforçando o movimento da economia solidária, como reforça Maboni (2008).

No que tange ao local da Feira, a maioria dos pesquisados consideram bom (57,7%) e 32,4% avaliam como ótimo atingindo 90,1%. Os restantes julgam como razoável (6,1%); ruim (2,1%) e aqueles que não souberam avaliar (1,8%). Embora existam algumas restrições quanto ao local, por ser um tanto distante do centro da cidade, verificou-se uma significativa aprovação por partes dos empreendedores.

Destaca-se que essa Feira vem acontecendo desde o ano de 1989 no mesmo local, denominado “Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter”. Esse local vem sendo ampliado ao longo do tempo com a construção de vários prédios que dão suporte a outros eventos, como o “Feirão Colonial” que é realizado semanalmente, no qual o produtor vem comercializar seus produtos (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006).

A respeito da época de realização da Feira, 48% dos pesquisados julgaram como bom, outros 26,8% consideraram ótimo, totalizando 74,8%; enquanto que 17% julgaram como razoável; já 5% ponderaram ser ruim e ainda 3,2% não souberam avaliar. Por tratar-se de uma região no sul do país, na estação de inverno, caracterizada por frio intenso e chuvosa, portanto, um período um tanto adverso para os empreendedores procedentes de outras regiões do país, mas que mesmo assim manifestaram sua aceitação.

Percebe-se na Tabela 5 que a maioria dos expositores (55,8%) avaliaram como boa a comunicação entre os organizadores e empreendimentos durante o evento e 32,7% a consideraram ótima.

**Tabela 5:** Comunicação entre os organizadores e empreendimentos

Comunicação	Frequência	Percentual
Ruim	16	2,8%
Razoável	41	7,1%
Bom	321	55,8%
Ótimo	187	32,7%
Não sei avaliar	10	1,8%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

A comunicação é um fator de grande relevância para o sucesso de qualquer atividade e nesse evento destaca-se sua influência positiva com um percentual de 88,3%. Esses resultados vêm ao encontro do que afirma Tachizawa (2004), ou seja, que a parceria é uma forma de cooperação entre os envolvidos, manifestando uma ação conjunta, motivada pela existência de interesses e objetivos comuns. Assim, na boa qualidade das relações com as organizações apoiadoras encontra-se o caminho para complementar seus recursos e capacidades para atingir os fins pretendidos.

Destaca-se na Tabela 6 que a presença do público visitante, na visão dos representantes dos empreendimentos, obteve um conceito bom para 55,5% e ótimo para 32,2%, representando, dessa forma, um percentual de 87,7%.

**Tabela 6:** Público visitante no evento

Público	Frequência	Percentual
Ruim	5	0,9%
Razoável	53	9,2%
Bom	319	55,5%
Ótimo	185	32,2%
Não sei avaliar	13	2,3%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Durante os dias da Feira, constata-se que uma grande afluência de visitantes que vem conhecer as novidades dos projetos, dar um incentivo a esse movimento de Economia Solidária e também adquirir produtos artesanais e alimentícios produzidos dentro dos padrões da sustentabilidade. Os projetos procuram produzir muitos dos artigos artesanais utilizando

materiais recicláveis e os produtos hortifrutigranjeiros são cultivados com métodos ecológicos preservando a natureza.

Essa prática caracteriza-se como consumo solidário em função não apenas do bem-viver pessoal, mas também do bem-viver coletivo, favorecendo os trabalhadores que produzem e comercializam os bens e serviços e, igualmente, em favor da proteção dos ecossistemas. Dessa forma, dando preferência aos produtos e serviços da Economia Solidária, vem contribuir para a manutenção de postos de trabalho sob as estratégias de desenvolvimento sustentável, bem como na construção de sociedades mais justas, amenizando a exclusão social e a degradação ambiental (MANCÉ, 2010b).

Quanto à divulgação da Feira, observa-se que um percentual de 49,9% julgaram como bom; 32,5% manifestaram-se como ótimo; 11,1% dizem ser razoável; 5,1% não souberam avaliar e apenas 1,4% ponderaram como ruim. Percebe-se pelo alto percentual de aceitação da divulgação (82,4%) que as informações são repassadas pelos diversos meios de que se utiliza o movimento de Economia Solidária no país e no Mercosul.

Essa divulgação das informações, conforme Mance (2010b) permite a difusão do consumo solidário dos produtos e serviços dos empreendimentos, ampliando-se assim as possibilidades de reinvestimento coletivo e favorecendo a implantação de novos projetos solidários. O estudo na Tabela 7 indica que 36% dos pesquisados que participaram dos eventos de formação tais como: oficinas, seminários, palestras, minicursos as consideraram boas, outros 19,3% julgaram como ótimas, totalizando 55,3%. Nota-se que poucos fizeram uma avaliação negativa (4,4%) e ainda 40,3% não souberam avaliar em função de não terem participado de tais atividades.

**Tabela 7:** Avaliação das oficinas, seminários, palestras, minicursos

Oficinas/ seminários etc...	Frequência	Percentual
Ruim	8	1,4%
Razoável	17	3,0%
Bom	207	36,0%
Ótimo	111	19,3%
Não sei avaliar	232	40,3%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Destaca-se que há uma ampla divulgação de um programa diversificado sobre a temática de Economia Solidária que é concretizado durante todos os dias do evento e em diferentes espaços e momentos da Feira. Na Tabela 8 verificou-se que a maioria (54,3%) avaliaram como boas as atividades culturais existentes na Feira e 26,3% julgaram como ótima.

**Tabela 8:** Como avalia as atividades culturais

Atividades culturais	Frequência	Percentual
Ruim	6	1,0%
Razoável	44	7,7%
Bom	312	54,3%
Ótimo	151	26,3%
Não sei avaliar	62	10,7%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Salienta-se que durante o evento existem atividades culturais permanentes que proporcionam um ambiente descontraído, de convivência agradável entre os expositores e até de motivação, favorecendo a permanência do público visitante no ambiente da Feira, procurando desenvolver dessa forma, conforme o Projeto Esperança/Cooesperança (2010), valores culturais do movimento solidário.

Com relação à contribuição do evento para a formação social e política dos envolvidos no empreendimento, constatou-se que 53% dos pesquisados avaliam como boa; seguido de 35,6% que julgam como ótimo, o que revela um percentual significativo de 88,6%. Os demais, 6,3% alegaram não saber avaliar, 4,2% atribuíram ser razoável e ainda 0,9% avaliaram como ruim.

Destaca-se que os temas abordados nas palestras, seminários e/ou oficinas realizadas durante a Feira procuram desenvolver uma visão e conscientização social e política nos envolvidos. Nesse sentido, Vieira (2010) complementa que sem esses fundamentos praticados as atividades solidárias não seriam possíveis, pois a eficiência desse modo de produção depende diretamente da coerência e união de saberes de todos.

As respostas da Tabela 9 indicam que para 74,1% dos expositores pesquisados a Feira contribuiu muito para o grupo entender o que vem a ser a Economia Solidária e apenas 14,1% afirmam que contribuiu razoavelmente nesse sentido.

**Tabela 9:** A Feira contribuiu para entender melhor o que é Economia Solidária

Contribuição	Frequência	Percentual
Não contribuiu	5	0,9%
Pouco	30	5,2%
Razoavelmente	81	14,1%
Muito	426	74,1%
Não sei avaliar	33	5,7%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Além das atividades de formação das quais muitos participam, o ambiente da Feira representa um exemplo vivo de convivência solidária, pois acredita-se que para se construir bons frutos é necessário uma troca constante de vivências e experiências. No que se refere à importância desta Feira para dar visibilidade ao movimento da Economia Solidária no Estado e na sociedade, a maioria (54,3%) consideram como ótimo e 40,7% como bom (Tabela 10).

**Tabela 10:** Importância da Feira para dar visibilidade ao movimento

Avaliação	Frequência	Percentual
Ruim	3	0,5%
Razoável	13	2,3%
Bom	234	40,7%
Ótimo	312	54,3%
Não sei avaliar	13	2,3%
Total	575	100%

**Fonte:** Elaborados pelos autores (2011).

Evidencia essa relevância através do crescimento e expansão a cada ano da Feira que atrai além dos empreendimentos, muitos observadores e pesquisadores de diversas nacionalidades que vem conhecer e estudar o movimento de Economia Solidária. Portanto, segundo o Projeto Esperança/Cooesperança (2010), essas Feiras permitem, por um lado, viabilizar a comercialização dos produtos pelos empreendimentos, e por outro, resgatar como



também criar novas relações entre os produtores e consumidores, buscando, conseqüentemente, favorecer a fidelidade do consumo desses produtos e/ou serviços de origem solidária e sustentável.

#### 4 Considerações Finais

Com a realização deste estudo, constatou-se que as Feiras além de interiorizar as discussões no âmbito da Economia Solidária, também tem contribuído para a sensibilização do consumo consciente e responsável, bem como no desenvolvimento de conceitos e práticas do comércio justo e solidário para a criação de uma nova cultura tanto de produção quanto para a comercialização.

Verificou-se que a forma de organização para produzir praticada pelos empreendedores tende a ser um pouco mais coletiva do que individual e alguns de forma mista. Do mesmo modo, quanto à comercialização predomina também a coletiva. Comparando a organização para produzir e comercializar entre si, a segunda possui uma incidência na forma coletiva maior do que a primeira.

No que se refere aos aspectos mais relevantes a organização do evento, identificou-se que o local da Feira, a comunicação entre os organizadores e os empreendimentos durante o evento e o público visitante foram avaliados com um conceito bom para ótimo pela maioria dos expositores.

Quanto à imagem da Feira, no sentido de mostrar a visibilidade para a conscientização sobre a Economia Solidária perante a sociedade, foi atribuído pela maioria dos empreendedores um percentual ótimo. Essa conscientização se comprova pelo fato de que a maioria dos expositores já participaram de outras edições do evento.

De modo geral, a Feira vem crescendo tanto em número de expositores quanto em número de público visitante seja em nível estadual, nacional e internacional consolidando-se dessa forma como um evento expressivo da Economia Solidária. A busca pela formação através da participação em oficinas, seminários, palestras e/ou minicursos se expandiu de maneira significativa de modo que muitos integrantes dos projetos vêm participar do evento apenas com essa finalidade.

Concluiu-se que a Feira apoia a inclusão social como uma alternativa de sobrevivência dos grupos participantes do movimento de Economia Solidária, tanto no país como em outras nações, interessadas no desenvolvimento de projetos alternativos.

Acredita-se que a partir do estudo realizado, existe a possibilidade da realização de outros que possam vir a ser desenvolvidos, visando contribuir e expandir o conhecimento sobre o tema. Dessa forma, sugere-se uma nova pesquisa com o público visitante do evento visando identificar a percepção deles a respeito da Feira, bem como a expectativa deles sobre o movimento, essa troca de experiência com os expositores, como também verificar os aspectos referentes a comercialização dos produtos, a qualidade percebida, e aqueles itens que, por ventura, eles procuram mas ainda não encontram no evento.

Dessa forma, com a realização de novos estudos, é possível contribuir e viabilizar outras edições do evento tornando-o cada vez melhor, em um espírito de colaboração e cooperação mútua entre o público visitante e entre os próprios empreendedores integrantes desse novo modo de economia, a solidária.

#### 5 Referências

ALLEGRI, E.; ROSA, C. **Boas ideias em economia solidária**. Fortaleza: ADITAL/BNB, 2010.

AMORIM, R. S.; SILVA, S. A. A. **Comércio justo e solidário**. Brasília: Instituto Marista de Solidariedade, 2009.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ARQUIDIOCESE DE SANTA MARIA – RS. **Projeto Esperança/Cooesperança**: uma experiência aprendente e ensinante. Edição Jubilar, 25 anos. Santa Maria: Pallotti, 2012.

AZAMBUJA, L. R. Os valores da economia solidária. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 282-317, jan./jun. 2009.

BALBINOT, E. L. O modelo de gestão de um empreendimento de economia solidária o **Projeto Esperança/Cooesperança**. Santa Maria: Pallotti, 2012.

BARBIERI, J. C.; CAJAZEIRA, J. E. R. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável**: da teoria à prática. São Paulo: Saraiva, 2010.

BARBIERI, J. C.; SILVA, D. da. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 3, Edição Especial, São Paulo, maio/jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v12n3/a04v12n3.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

BORBA, E. L. et al. Economia solidária e cidadania. In: VII SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, SEGeT, 2010. Disponível em: <[http://www.aedb.br/seget/artigos10/203\\_Economia%20solidaria.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos10/203_Economia%20solidaria.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2011.

BRUNDTLAND, G. H. **Our common future**: the report of the World Commission on Environment and Development. Oxford University Press, Oxford, 1987.

BYRCH, C. et al. Sustainable “what”? A cognitive approach to understanding sustainable development. **Qualitative Research in Accounting & Management**, v. 4, n. 1, p. 26-52, 2007.

CÁRITAS BRASILEIRA – REGIONAL RIO GRANDE DO SUL. **Sistematização de experiências de desenvolvimento solidário sustentável/território**. Caderno de Formação n. 19. Porto Alegre: Evangraf, 2009.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, D. V. da; TEODÓSIO, A. dos S. de S. Desenvolvimento sustentável, consumo e cidadania: um estudo sobre a (des)articulação da comunicação de organizações da sociedade civil, do estado e das empresas. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 12, n. 3, Edição Especial, maio/jun. 2011, p. 114-145. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v12n3/a06v12n3.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

DIAS, R. **Gestão ambiental**: responsabilidade social e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2006.

- ELKINGTON, J. **The triple bottom line of 21<sup>st</sup> century business**. Capstone: Oxford, 1997.
- FRANÇA FILHO, G. C. de. A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 16, n.1-2, jun./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v16n1-2/v16n1-2a11.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.
- FRANÇA FILHO, G. C. de; LAVILLE, Jean-Louis. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOLDSTEIN, I. **Responsabilidade social: das grandes corporações ao terceiro setor**. São Paulo: Ática, 2007.
- KEYSER, H. **Developing tourism in South Africa: towards competitive destinations**. 2. ed. Cape Town: Oxford University, 2009.
- KRAEMER, M. E. P. A universidade do século XXI rumo ao desenvolvimento sustentável. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa – RECADM**, v. 3, n. 2, nov./2004 – Disponível em: <<http://revistas.facecla.com.br/index.php/recadm/>>. Acesso em: 08 maio 2011.
- MABONI, P. L. **Feira de Santa Maria: uma experiência aprendente e ensinante**. Santa Maria: Projeto Esperança/Cooesperança da Diocese de Santa Maria, 2008.
- MANCE, E. A. **Desenvolvimento sustentável e economia solidária**. Caderno 4. Brasília: Instituto Marista de Solidariedade, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **Consumo e economia solidária**. Caderno 3. Brasília: Instituto Marista de Solidariedade, 2010b.
- MARTINS, R. B. **Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Juruá, 2010.
- MENDIGUREN, J. C. P. DE; ETXARRI, E. E.; ALDANONDO, L. G. ¿De qué hablamos cuando hablamos de economía social y solidaria? Concepto y nociones afines. In: JORNADAS DE ECONOMÍA CRÍTICA, 9., Bilbao, 2008. **Anais...** ECOCRI, Bildao, 2008.
- PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA. **Apostila do plano setorial de qualificação PLANSEQ - 2010**. Santa Maria: Projeto Esperança/Cooesperança da Diocese de Santa Maria, 2010.
- SARRIA ICAZA, A. M.; FREITAS, M. R. de. (Orgs.). **O projeto Esperança/Cooesperança e a construção da economia solidária no Brasil: relato de uma experiência**. Porto Alegre: Pallotti, 2006.
- SCHMITT, V. G. H.; NETO, L. M. Associativismo, comércio justo e o desenvolvimento territorial sustentável: a experiência da Toca Tapetes. **REGE**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 323-338, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/949.pdf>>. Acesso: 14 nov. 2011.

SINGER, P. Economia solidária. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a20v2262.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2011.

STEAD, W. E.; STEAD, J. G.; STARIK, M. **Sustainable strategic management**. ME Sharpe, New York, 2004.

TACHIZAWA, T. **Organizações não-governamentais e terceiro setor**: criação de ONGs e estratégias de atuação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIEIRA, A. M. de S. Economia solidária e sua contribuição para o desenvolvimento social. In: ALLEGRI, E.; ROSA, C. **Boas ideias em economia solidária**. Fortaleza: ADITAL/BNB, 2010.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da Psicologia Social Crítica. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 58-69, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27045.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2013.

ZANATTA, H. G. Socioeconomia, solidária e viva. In: ARQUIDIOCESE DE SANTA MARIA – RS. **Projeto Esperança/Coesperança**: uma experiência aprendente e ensinante. Edição Jubilar, 25 anos. Santa Maria: Pallotti, 2012.